

GUIMARÃES-ANDALUZIA

PUBLICAÇÃO EM BENEFICIO DAS VICTIMAS DOS TERRAMOTOS NA HESPANHA
PELA COMMISSÃO DE SOCCORROS VIMARANENSE

Socorrer à su flaqueza,
Esta es lei de nobreza
Y de loar.
Gil Vicente

12 DE FEVEREIRO DE 1885

Mi pan con el parto, su mal con el lloro...
Don José Zorrilla

GUIMARÃES-ANDALUZIA

AS NOTICIAS dos terramotos d'Andaluzia surprehenderam dolorosamente a cidade de Guimarães.

A confirmação dos desastres, a pintura dos quadros afflictivos, a narração das scenas d'uma indole pavorosamente tragica, causou aos vimaranenses mais apathicos as crispções nervosas que o susto, que a dor inopinada, intensa e profunda produzem.

A todos se affigou que foram espectadores das ingentes derrocadas, da extensa convulsão da grande provincia, vendo como que em pesadelo gigantesco o esboçar de montanhas, o despenho de enormes rochas, o rapido desvio das correntes, o trovejar frequente e prolongado dos desmoronamentos dos logarejos, de ruas, de bairros, de cidades inteiras, com o côro confuso e horrroso dos gritos dos feridos, dos soluços dos moribundos, dos lamentos das viúvas, dos paes, dos filhos, dos parentes, dos amigos e de tantissimas victimas!

Se o pezadelo se mitigou, se a reflexão corrigiu alguma exaggeração de phantasia, o condoimento na alma collectiva d'esta cidade, nobre por tradições, trabalhadora por indole, cavou mui fundo por vê-se que padecia sob uma das maiores calamidades uma das melhores provincias d'um povo irmão e amigo; que essa provincia era herdeira das tradições brilhantes d'uma industria remota e admiravel; que centenas de monumentos preciosos para a historia politica, para a historia da arte e da industria se perderam e aniquilaram sob os enormes escombros.

Traduzir este sentimento de condoimento geral de Guimarães, tomar parte na subscrição com que o povo portuguez intenta acudir a tamanha calamidade, foi o fim que aggreiou os membros da commissão para a publicação d'esta folha.

Não é só nas manifestações da sua industria, mas nas revelações da suavidade de sentimento, que esta cidade affirma a sua benemerencia, a sua actividade benefica.

A COMMISSÃO.

DEUS CHARITAS EST...

SOB o limpido céu d'Andaluzia que cobre com seu docel avelludado as paisagens mais formosas, os quadros mais pitorescos, os horisontes mais variagados, ora beijados do Atlantico, ora do Mediterraneo, entre os braços do Guadalquivir e

as asperesas dos Alpujarras, no territorio da belleza personificada, das expansões scintillantes e da linguagem melodiosa, no solo d'Alhambra, a encantadora, e dos legnarios Abencerragens acaba de dar-se a scena mais terrifica e desoladora, que a penna pôde descrever.

Não é um accidente passageiro e fugaz, uma povoação desolada ou uma aldeia em ruinas, é a subverção e derrocamento quasi completo d'um largo territorio.

Não é a mizeria com seus trapos andrajosos, com suas dôres cruciantes, com suas magoas profundas, com suas doenças infindas, com suas necessidades constantes ás quaes fornece um quadro terrivel—o lar sem lume, a casa sem abrigo, o leito sem roupa, a fome sem pão, a magoa sem consolo, a necessidade sem conforto.

E' tudo isto e mais do que isto.

E' todo este conjuncto de calamidades no seio do pobre e do abastado, do nobre e do plebeu, do poderoso e do humilde.

E' o desaparecimento instantaneo das bellezas locais, dos encantos da sociedade, dos aconchegos da familia, dos penhores da felicidade, das graças da innocencia, dos haveres da fortuna, mas d'um modo amplo e prodigioso, com horrores de afflictivo desespero, por uma forma nebulosa, alanceada e cheia de pavor.

E' verem-se as villas, as cidades, os povoados com seus monumentos de valor e de gloria, com seus edificios sumptuosos e de gosto, com suas construcções de necessidade e merecimento a desmoronarem-se, a derrirem successivamente, sem haver braços que lhes suspendam a queda por sobre pessoas mais queridas, mais preciosas que a propria existencia, por sobre os affectos mais arreigados da alma; e os gritos atravessando o espaço em pôs do auxilio; e preso entre os escombros das ruinas, queimado pelas chammas do incendio, quem sente mais a dôr que ambiciona socorrer do que a causada pelos membros triturados e desfeitos!...

D'ahi a consequencia necessaria d'uma tal calamidade:—paralisada a industria, aruinado o commercio, destruido o solo que nos deu o berço, aberta a terra que nos dá o pão.

Males como estes não encontram remedio algum, que não seja—a resignação a accetal-os submissa, e a caridade a soccorrel-os constante.

A Providencia divina desempenha o seu papel magestoso, inspirando os soccorros que de toda a parte affluem em prol dos feridos pela calamidade.

E Affonso XII immortalisou-se no seu procedin to caritativo e honroso, percorrendo o theatro das povoações devastadas, a proteger os desvalidos, a auxiliar os necessitados, a premiar os corajosos e a consolar a todos.

E' que a caridade, na accepção stricta da palavra, o amor do proximo pelo amor de Deus, não é uma expressão vazia de sentido, é uma realidade sensivel, palpavel, é uma criação do divino Jesus implantada no meio d'uma sociedade corrompida, odienta, vingativa, orgulhosa e egoista.

E como não havia de ser assim, se Deus é a propria caridade—*Deus charitas est...*

Guimarães tambem não podia cruzar os braços, permanecer insensivel em face de tão desolador acontecimento.

Guimarães, a patria dos Affonsos que symbolisam o valor e dos Damascos que synthetisam a creença, a cidade nobre por origem, que dirigiu seus passos na esteira dos grandes progredimentos, que tem seu nome inscripto nos annaes da historia contemporanea, não pode esquecer seus visinhos afflictos, não pode desprezar seus irmãos maltratados, não pode zombar das lagrimas de seus convivas na peninsula, sem procurar-lhes lenitivo a tantos soffrimentos, protecção a tantas desgraças, soccorro a tantas necessidades.

Honra a Guimarães!

Um aperto de mão a quem promove tão luminosa ideia!

Guimarães, janeiro de 85.

PADRE ABILIO DE PASSOS.

O EVANGELHO diz—que não devemos fazer aos outros o que não quizermos que nos façam. Mas diz tambem—que nos cumpre fazer pelos outros o que desejarmos que elles façam por nós.

ADOLPHO SALAZAR.

CONTO POPULAR

D'UMA vez, uma pobre mulher tinha um filho, que chegou a ser bispo ou arcebispo.

Quando isto aconteceu, era já muito idosa e vivia n'uma cabana, longe da cidade.

Mas o filho, logo que subiu a tal honraria, mandou por ella e trouxe-a para o paço, onde a velhinha era tractada a primor, com todas as grandezas devidas á mãe d'um principe da Igreja.

Apezar de tudo, a coitada sentia-se mal. Não estava em sua casa: faltava-lhe a libe-

dade do seu lar, o agasalho e o calor da sua fogueira.

Começou a pedir que a levassem outra vez para a sua terra, e tanto disse que o bispo mandou reconduzi-la à sua antiga vivenda.

Chegada lá, e despedidos os grandes que a acompanhavam, a boa velha fechou-se por dentro, accendeu o fogo na lareira abandonada, assentou-se no seu escabello, e pondo-se á vontade desabafou em alta voz:

«Ah, minha casa, meu lar! Quem te fadou, não te fadou mal!»

*

Os desgraçados, que V. com o seu obolo, vão ajudar a readquirir o *home* destruído, ainda que não conheçam o mote do povo portuguez, dirão todavia no seu coração:

«Bem haja os que nos auxiliaram a reconstruir as nossas casas, os nossos lares!»
Guimarães, janeiro de 1885.

ALBERTO SAMPAIO.

— QUEM semeia no campo da indigência, recebe a colheita das mãos de Deus.—

Abramos este livro.

E' a historia do passado; é a guerra excitada pelo odio de raça, é a lucta estimulada pelo desejo de conquista.

Porque?

Porque a fraternidade achava-se obscurecida pelo denso sudario da ignorancia. Mas hoje, já nada d'isso existe.

O passado esvain-se; o odio dissipou-se; a autonomia respeita-se. O fogo esparcido pelo facho da illustração, foi queimando, pouco a pouco, o veio que encobria a união da humanidade.

No presente somos todos irmãos.

As desgraças que ferem um povo, magoam todo o orbe.

A Hespanha soffre; soccorramos os seus filhos.

Pouco lhes poderemos dar, dizem.

Que importa?

Quem dá o que pôde, não é mais obrigado.

ANTONIO GUIMARÃES.

— AS RECENTES conquistas do seculo XIX abrem largos horisontes á intelligencia humana.

As velhas theorias que embállaram longo tempo as gerações de que vivemos, aos golpes da physica e da chimica, que hoje são tudo, desaparecem da superficie do globo, porque a sciencia actual só admite como origem do que se observa o que realmente é observavel.

Na epoca actual, a não ser dentro das paredes dos Seminarios, aonde a luz ainda é muito escassa, ninguém invocaria a theorica do *fogo central* para explicar os phenomenos geologicos que se passam em Andaluzia, e que tem convertido em monturos de ruínas aquella bella e formosa provincia da Hespanha.

Se, porem, as gerações passadas nos deixaram theorias absurdas, legaram-nos todavia sentimentos sublimes, que tem atravessado incolumes os seculos.

Um d'elles é a caridade.

E poucos povos do mundo comprehen-

derão tão bem a caridade como os de Portugal.

N'este momento em que a Andaluzia se sepulta entre as desequilibradas rochas, o povo portuguez levanta-se em todos os angulos do paiz e soccorre os andaluzes que espavoridos veem desaparecer dia a dia, hora a hora, momento a momento, a sua formosissima terra.

A este movimento philantropico obedece tambem a minha querida patria, levando alem das fronteiras soccorros aos povos d'Andaluzia.

A. MACHADO

— AS esmolas convertem-se no seio do Eterno em perolas de amor.

A. VIEIRA D'ANDRADE.

A CARIDADE EM ACÇÃO

— POR sobre todas as barreiras que separam nação de nação, por sobre todos os caracteres que distanciam o homem do homem, baseados na dissimilhança de politica, de religião, de sentimentos, de distancias e de cond'ções atmosfericas que no mesmo globo, debaixo do mesmo sol e sob o typo commum do homem constituem essa admiravel variedade de raças e de povos—paira um ideal supremo, unico e absoluto, unisono e harmonico, que se chama *humanidade*.

Este principio universal basea-se na compaixão innata, na caridade e amor reciproco, na uniformidade de necessidades moraes, de aspirações constantes e consonancia unanime de certas verdades fundamentais.

E' por isso que, sendo Portugal separado da nação vizinha pela personalidade monarchica, pelo zelo da sua autonomia e pelos actos de verdadeira bravura acompanhada do mais condigno entusiasmo na defesa da mesma, tendo ante si erguido um muro alteroso de impossivel derruição, se une agora pelos eternos sentimentos da humanidade em amplexo intimo e fraternal abraço, para socorrer os necessitados d'Andaluzia—para lenimentar as suas desgraças e consolar as suas magoas.

Honra, brio, valor e caridade—eis os sentimentos que sempre nobilitaram os portuguezes e ainda hoje dão pleno testemunho de sua existencia.

Guimarães unifica-se com tão superiores intenções, e, na mesquinhez de seus recursos, offerece o obulo da sua aliás boa vontade.

Guimarães, 2 de fevereiro de 1885.

AUGUSTO DOS SANTOS GUIMARÃES.

«E la vieille Europe finirait peut-être par avoir fait les Etats-Unis de la Charité».

PIERRE VÉRON.

— E' VERDADEIRAMENTE admiravel, faz bem ao coração ver o sentimento sympathico de solidariedade humana, que nasce e se propaga por todas as nações norteadas pela verdadeira luz da civilização, sempre que uma grande catastrophe se abate, e enluta qualquer povo da terra.

A noticia do desastre todas as almas se sentem dolorosamente surprehendidas; o

soffrimento das victimas acha echo em todos os peitos, e de todos os corações se levanta um brado unisono de compaixão. Perante taes calamidades desaparecem fronteiras, esquecem rivalidades seculares, lembra só que ha, longe de nós, seres humanos que soffrem, creaturas pouco antes felizes, que se viram n'um momento sem lar, sem abrigo, sem fortuna, feridas, separadas pela morte dos entes que mais e trem eam.

Por sobre tão espantosos infortunios esparge porem o seu facho luminoso d'esperança a santa e sublime caridade, estreitando no mesmo abraço d'amor todos os homens e todas as raças, como se fossem irmãos.

E' nobre e generoso procurar mitigar os horrores de taes desgraças: abençoados sejam todos, os que, reunidos esforços e vontades, concorrem de qualquer modo para realizar essa santa aspiração.

5 de fevereiro de 1885.

AVELINO GERMANO DA C. FREITAS.

Novo padrão de civilização

— OBLITERA-SE a memoria da passadas dissensões entre os dois povos da península iberica—hespanhoes e portuguezes. As communicações mais rapidas, o tracto mais frequente, o commercio mais extenso, convertem a fronteira n'uma simples divisão convencional e ficticia, e os dois povos estreitam relações intimas que tendem a augmentar, a adquirir condições de permanencia.

Lembram-se ambos que o mutuo respeito d'autonomia de Portugal e de Hespanha não é justificado motivo de retrahimento, mas antes a causa determinant de mais intensas demonstrações de mutuo affecto.

O irmão que se emancipa não renega a consanguinidade, nem se desobriga dos affectos e deveres que lhe impõe a voz do sangue.

E' por isso que hoje, mais que em nenhuma outra epocha, Hespanha e Portugal se expandem em demostrações de sympathia, recordando que é o mesmo o sol que sobreloura as limpidas manhas da península, que é identica a lei que domina e guia a consciencia dos dois povos, que é commum a filiação no grande tronco latino.

Raça, clima, religião, instituições juridicas, expansões industriaes e commerciaes, feitos heroicos—tudo demonstra que entre Portugal e Hespanha a fraternidade tem solidos fundamentos, e que a frieza de relações, como as dissensões passagieras no seio intimo d'uma familia, nunca pôde perpetuar-se.

Este movimento contemporaneo, esta tendencia á alliança, não pelo exemplo d'uma classe, ou pelo dictame d'um governo, mas pela espontaneidade geral, manifest-se com tão intensa effusão, que desperta a attenção mais desprevenida.

Como para que as relações se estreitem ainda mais, para que seja mais intensa a communhão de sympathia, o sentimento de caridade social á noticia da ingente calamidade que acabrunha a Andaluzia, revela-se com expansões desusadas.

Este bello sentimento, impresso pelo Creador no coração do homem, convertido em lei social pelo ensinamento divino de Christo, alargando o seu dominio com as

conquistas da civilização, recebe (nos parece) uma nova formula creada pelas inspirações beneficentes dos povos de raça latina.

Não basta para elles que o homem se condoia em presença d'uma dôr alheia; não lhes basta que o sentimento se manifeste que o soccorro se preste quando um parente, um amigo, um compatriota revela estado d'extrema penaria, ou levanta um grito d'angustia.

O sentimento da raça latina tem maior largueza; é mais energico nas manifestações da caridade social, como foi mais abuto e corajoso nas conquistas e descobertas dos seculos XV e XVI.

Não circumscreve a sua acção á familia, á povoação, á provincia: ouve o grito angustioso da nação amiga, e commove-se; lê a noticia das trementadas provações, das profundas amarguras d'um grande povo, e perturba-se: a perturbação do seu espirito, a commoção da sua alma collectiva desabrocha-se nas subscrições que se organisam nas principais comarcas portuguezas.

Tambem o Brazil se sobressaltou, quando a noticia das inundações do Tejo o surpreendeu dolorosamente; tambem a França se commoveu, quando a população de Murcia levantou o clamor da sua angustia, ou quando Ischia se converteu em montão informe d'escombros.

Se pois é verdade que o actual desenvolvimento da caridade social é producto da civilização intellectual e moral dos povos, podemos tambem, com justo orgulho do nosso caracter, afirmar que a raça latina descobriu um novo mundo ao sentimento, conquista novas paragens, levanta á civilização um novo padrão: a caridade reciproca dos povos nas grandes calamidades publicas.

Quando é tamanha a afinidade de sentimentos e d'interesses da Italia, da França, da Hespanha, de Portugal, será sempre uma chimera o bello sonho de Castellar?...

AVELINO GUIMARÃES.

A caridade

QUANDO a desgraça fere, prostra e devasta povoações inteiras, deixando após si a ruina, a desolação e a miseria, ha um momento terrivel em que a alma humana, concentrando todos os soffrimentos, apenas sabe sentir; não tem vontade, o raciocinio é impossivel. De repente brota espontanea e a flux uma torrente impetuosa, caudal inesgotavel, que vence todas as difficuldades, mitiga todas as maguas, realisa todos os prodigios.

Essa torrente, feita de luz e d'amor, é a caridade.

CAMPOS HENRIQUES.

OHOMEM, descobrindo a polvora e a nitro glycerina, supprime todas as resistencias; expropriando a luz ao sol, recruta no astro immenso um artista sublime; pondo a seu serviço o vapor e a electricidade, annulla as distancias, valorisa o tempo, centuplica as maravilhas da esculptura, e perpetua o dia. E ao vermos: ante a locomotiva achar-se-lhe, como por encanto, a accidentada crusta da terra; sob o rodopiar da helice submeter-se-lhe, impotente, o escarceu alteroso; com o scaphandro e o aparelho Rouquayrol-Denayrouze por ecónomos, ou com o sino do mergulhador por morada

franquearem-se-lhe mil opulencias submarinas; e ao nuto do telegraphista correr-lhe o pensamento d'um ao outro confim do globo com a velocidade do raio; parece que, para senhoriar a natureza, quasi só lhe resta reduzir tambem á obediencia o oceano gazoso que circunda o seu planeta.

N'esta parte, elle, o rei da criação, sente-se inferior ao menor dos insectos allados! Inventou o balão, mas, á falta de processo para lhe dar direcção, o balão voga, como juguete, á mercê das correntes aéreas.

E esforços sobre esforços são baldos: os annos passam, e o problema fica irresoluto.

Até que nos ultimos tempos uma vontade tenaz e um talento creador mostram que a realisação do grande ideal não está longe. De cada experiencia brota uma esperanza; e nas regiões scientificas não falta já quem se prepare para festejar em breve o almejado *eureka*.

Inopinadamente, n'uma das mais bellas provincias do mundo, na formosa Andaluzia, o solo treme; as casas esboroam-se; cada familia converte-se n'um montão de cadaveres; cada habitação n'um jazigo de familia!

Os que escapam á catastrophe fogem, espavoridos, para os campos, e muitos aceitam lá, agradecidos: para leito o chão humido, para cobertura os ramos seccos das arvores. Ao grito da desventura accorre a humanidade; mas a convulsão formidanda não estaca: repete-se, alastra-se, redobra d'intensidade, e ameaça recrudescer a cada instante. Pede-se á sciencia remedio, e a sciencia emmudece. E, ante o horrifico espectáculo, o supposto quasi dominador dos elementos cosmicos mais uma vez reconhece que nem ao menos dispõe do triste palmo que pisa!

E, lembrado de que ha perto de 19 seculos sobre um sentimento divinamente transfundido na alma humana se cimentou um poder, que subverteu o velho mundo e levantou um mundo novo, sem que nem as legiões dos despotas, nem as furias dos demagogos, nem a acção devastadora do tempo tenham logrado abalal-o, recorre a esse sentimento, e appella para este poder, a favor d'irmãos em desgraça.

Chama-se ao primeiro «charidade»; denomina-se o segundo «christianismo».

As dôres a que ao sabio não é dado accudir, suavise-as, pois, o christão; o que o vigor da intelligencia não vinga atalhar attenne-o, que pode, a brandura do coração.

CONDE DE MARGARIDE.

MAIS duas paginas occupadas na historia das nações: uma, toda luto e dôr; outra, toda luz e consolo. Uma, perpetuando a horrivel catastrophe, de que foi theatro a linda Andaluzia, com todas as lagrimas que produziu, com as existencias que aniquilou e os monumentos que lançou por terra; outra, relembrando os nobres, sentimentos dos Portuguezes, que n'uma espontaneidade unica, uma vontade sem limites e verdadeiro amor d'irmãos, correram pressurosos a enxugar com a esponja da caridade o pranto que humedecia a face dos infelizes.

Mais duas paginas occupadas na historia das nações, impossiveis de separar, por ser uma o complemento da outra.

C.

CHARITAS

Benedicta sejas tu, ó santa caridade!
Benedicta sejas tu,
Que acolhes em teu manto a misera orphandade,
O faminto e o nu.

Ah! que se assim não fora, agora o que seria
D'aquelles desgraçados
Que viram o tombar da sua Andaluzia,
Dos entes mais amados!

Infliz, infeliz gente! em um montão de ruinas
Seus tectos e seus lares!
Dispersos, sem abrigo, estão pelas campinas!
São prantos seus manjares!

Pensando em tal desgraça, a alma geme e sente
Desejos de carpir,
Como carpiu Jesus, ao ver em sua mente
Jerusalem cair.

Benedicta sejas tu, ó santa caridade!
Benedicta sejas tu,
Que acolhes em teu manto a misera orphandade,
O faminto e o nu.

CUSTODIO FREITAS

SOCORREI

Na formosa Andaluzia
existem desventurados,
a quem immensa catastrophe
roubou seres adorados.

Sob o peso das ruinas,
soltando tristes gemidos,
lá perdem uns—paes e esposas,
outros—seus filhos queridos.

E, a aggravar-lhes a desgraça,
nova desgraça os assalta,
pois que, em sua desventura,
todo o conforto lhes falta.

Expostos, desamparados,
compunge ver seu aspecto:
hirtos de frio, gelados,
sem pão, agasalho ou tecto!

Cobertos de negros crepes,
enlutado o coração,
causa dô vel-os, os tristes,
em sua consternação!

Fazer resurgir os mortos,
dar-lhes vida, ninguém pode;
às saudades que deixaram,
a essas ninguém acode;

mas pode e deve acudir-se
á miseria, que consome.
Soccorrei a quem tem frio,
daes esmola aos que têm fome.

Guimarães 6 de Fevereiro de 1885.

C. S.

A fraternidade dos povos

L'ardent e harité, que le pauvre
idolatre! Mère de ceux pour qui la
fortune est marâtre.

V. Hugo.

OTUFÃO da desgraça passando furioso por sobre as duas mais formosas provincias da nossa vizinha Hesperia

na, deixou as suas mais bellas povoações reduzidas a enorme montão de ruínas.

Commoções geologicas umas após outras, com um movimento vertiginoso, com uma intensidade medonha—com uma persistencia temerosa, com fremitos horrendos, teem, em seus estremecimentos subterraneos, reduzido a enormes escombros as duas perolas da Andaluzia:—Malaga e Granada. Sulcos largos e profundos fendem a terra, e as velustas cathedraes, as modestas habitações, os humildes presbyterios, e os magnificentes edificios, com as suas ameias e os seus minaretes,—testemunhas mudas do perpassar de tantas e tão diversas gerações—que eram o orgulho dos naturaes e a admiração d'estranhos, cahem por terra em derrocada medonha! Os campos agricultados ficam assolados, como se por elles passasse em doida correria uma legião de demonios!

N'essa pavorosa catastrophe, milhares de victimas perecem soterradas, milhares d'orphãos e viúvas choram a perda dos que eram seu amparo, dos que lhes eram mais caros na vida, dos que tinham culto reverente no altar dos seus affectos.

Triste desgraça, cujos eccos se repercutem em todos os corações humanos!

E' que, graças aos sentimentos altruistas que a evolução do progresso propagou por todos os povos que se orientam pela bussola da civilisação, o principio da solidariedade humana, no minuto corrente, é um facto incontestavel.

A caridade, a joia de mais fino quilate das que possui o christianismo, a maior das virtudes, no dizer do celebre bispo de Troyes, o grande laço da ordem social, é um dos grandes anneis da cadeia que estreita os povos no mais fraterno convívio.

A caridade não tem patria. Cada nação é um ramo da numerosa familia humana, que se encontra disseminada por sobre a face da terra. E nós, os portuguezes, fomos dos primeiros a occupar o lugar que os deveres da solidariedade social nos indicavam, logo que a noticia da luctuosa calamidade chegou ao nosso conhecimento.

Toda a nação, possuida da justa comprehensão da solidariedade humana, corre pressurosa a depôr o seu obulo nas candidas mãos da Caridade—o amparo dos orphãos, o arrimo dos velhos, a consolação, o lenitivo de todos os males, o porto bonançoso dos desgraçados.

DOMINGOS FERREIRA.

A ESMOLA dada ao mendigo que nos estende sua mão descarnada, leva ao nosso espirito a serenidade da paz e forma a consciencia de uma acção boa: o auxilio e o reforço levados áquelles que o flagello açouta e que os elementos apertam em suas garras de gelo, de ferro ou de fogo, exaltam o homem á dignidade do heroismo e rejubilam a alma com a convicção profunda do merito e da virtude. E' porque existe no homem um sentimento natural de commiserção que ora se desperta pela voz plangente do infeliz, ora se activa nas grandes desgraças e terribes calamidades.

O homem não é indifferente aos tristes gemidos e dolorosos gritos do desgraçado que se contorce na poeja infeliz, ou do encarcerado que se lamenta debaixo dos ferros da masmorra, e este natural sentimento de commiserção que nos dá partilha na desgraça alheia, cresce e augmenta ante o

espectaculo pavoroso do naufragio, ou do cataclysmo.

Não ha olhos que não pranteem, nem coração que se não commova ante as scenas atterradoras que se passam nos mares, quando este elemento salinoso embate com seu escarceo o barco que boia, e abre sua garganta de monstro para o tragar até o abysmo; não ha nem pode haver tambem coração que se não condora d'esses flagellados infelizes, que boiam á mercê das furiosas ondas de um mar de desgraças, sobre um solo que treme em suas entrânhas de fogo, debaixo de tectos que desabam ao encontrão dos elementos, e n'uma terra, que se fende para abysmar os vivos!!!

O spectaculo medonho dos terremotos tem acordado todas as cordas sensiveis dos corações humanitarios, e chamado os povos do mundo civilisado ao banquete esplendido da caridade.

Vamos.

E em quanto os sabios geologos estudam os phenomenos que victimam tantos infelizes, e as convulsões que produzem tantas desgraças, reconhecamos um Senhor Remunerador e Justo, e em nome do Deus da caridade depositemos nas mãos dos infelizes o obulo da esmola *Date, et dabitur vobis.*

PADRE D. RIBEIRO DIAS.

HA ruínas sobre ruínas!
—As gerações succedem ás gerações:—as passadas extinguiram-se, legando ás presentes por herança a dôr e o soffrimento.

Os antigos Andaluzes desprenderam-se com immensa magoa e saudade, do goso das suas mais supremas venturas: os presentes assistem, doidos de dôr e afflicção, ao seu aniquilamento!

Não ha dôr, que possa avaliar as enormes dôres dos Andaluzes!

31—1—85.

DOMINGOS RIBEIRO.

EMQUANTO a sciencia procura e discute a causa dos phenonemos occorridos em Andaluzia, enquanto a historia coordena e registra esses factos e a geographia espera e estuda as alteações dos terrenos para as apontar nos mappas das nações; enquanto a fé alenta e a esperança vivifica os desgraçados, victimas de tão espantoso cataclysmo,—a caridade, a mais positiva das sciencias e a mais pratica das virtudes, vê, sente, trabalha, pede e acode pressurosa a minorar os soffrimentos de tantos infelizes.

EDUARDO ALMEIDA.

A LIDA de todos aquelles que chamam as populações portuguezas a acudir aos desastres d'uma provincia hespanhola é para nós tão sympathica, como foi sempre repugnante a recordação dos «60 annos de captiveiro» e o susto de que Portugal possa ainda ser conquistado pela Hespanha.

A dominação philippina era filha da politica, então corrente, que considerou os povos como pertença dos reinos, e os reinos como uma propriedade do imperante. Se o imperante morria sem herdeiros directos, os que se julgavam com direitos á successão vinham pleiteal-o com os seus titulos debaixo do braço.

Os causidicos «provaram» que o herdeiro de Portugal era Philippe, como podiam

«provar» que era outro qualquer. Certo é que a demanda correu com todas as formalidades juridicas: a força do direito acima de tudo.

Ora, se notarmos que esta politica vinha em linha recta da politica barbara que proclamava ingenuamente e sem hypocrias o direito da força, havemos d'agradecer á marcha das ideias a modificação da primitiva doutrina.

Hoje, que a nação já não é o feudo d'um imperante, em nome de que principio se havia de apresentar a Hespanha conquistadora?

O principio das unificações—dir-se-ha. Mas quem não reconhece n'este lemma imbecil o silvo da velha serpente, que, depois de mudar duas vezes de pelle, ainda pretende levantar o collo? Mesmo que a occupação hespanhola, decretada por um governo, podesse manter-se perante a reacção continua, inevitavel, das populações portuguezas affictas á liberdade, cremos firmemente, que o proprio povo hespanhol protestaria dentro em pouco contra ella, vendo que, admitindo a ideia que a originou, aquecia no seio uma vibora, que se chamou sempre o despotismo.

Mas os exemplos da Allemanha, da Russia... Nós veremos, talvez sem esperar muito, se dentro d'aquelles paizes não rebentará a tempestade que varra para sempre os restos da politica barbara que de lá veio e que ainda lá temos seus fanaticos defensores.

F. MARTINS SARMENTO.

A CORRENTE humanitaria que n'este momento nos impelle para Hespanha, esquecidos dos nossos males, é a confirmação authentica de que a fraternidade não é palavra vã.

Que outro sentimento nos obrigaria a prodigalisarmos-nos com tão sublime enthusiasmo e abnegação em soccorro dos Andaluzes?

Não ha costumes, nem habitos, idiomas ou religiões, que possam separar-nos, quando a desgraça grita por auxilio.

N'estes momentos terribes, todos se esquecem de si, o egoismo d'apparece, as raças confundem-se, os reis tornam-se povo, todos se estreitam em intima alliança, rivalizando em dedicação.

E' porque só nos grandes cataclysmos nos conhecemos fracos, só então nos conhecemos irmãos e eguaes, só ali vemos o sangue correr da mesma côr.

O homem é um, não o distingue o nascimento, só vale e se exalta, quando sabe vencer-se e dedicar-se como agora.

Os thronos nivelando se com o solo, as corbas amoeando se em valha das infelizes victimas, bem nos estão dizendo o que o homem é, e como elle se pode tornar grande e fazer valer.

3—2—85.

FRANCISCO P. FELGUEIRAS.

CHARITAS

A INDA eccoam em meus ouvidos gritos afflictivos dos desventurados da Andaluzia!

E' um povo irmão, que chora!... corramos a enxugar-lhe as lagrimas, a suavisar-lhe a dôr!

E' um povo irmão, que parece de *frío*

e de penuria!... corramos a cobrir-lhe a nudez e a saciar-lhe a fome!

E' um povo irmão, que se vê a braços com a mais cruel das desventuras—a dôr, a desolação, a miseria, e a morte!... vamos todos pressurosos alliviar-lhe as agruras de tão terrível infortunio.

O dia de maior ventura para um coração bom formado é sem duvida aquelle, em que se pratica uma obra de caridade—a rainha das virtudes—a vida da alma.

Só quando vejo desgraças tão grandes e o coração se me confrange de tanta dôr, eu sinto os desmesurados desejos de ser um Creso... Oh! se o fosse, felizes dos Andaluzes!

Soccorramos com o nosso obulo os filhos da ainda ha pouco tão opima, tão formosa e tão sorridente Andaluzia.

Hoje por elles e amanhã... quem sabe se por nós! Bemdigamos a caridade. Caridade para os Andaluzes!

G. PAUL.

GUIMARÃES CARITATIVO

OS brilhantes annaes da patria do rei conquistador, a par das acções gloriosas no campo das batalhas e dos trophéos ainda mais gloriosos na republica das lettras e na officina da arte, registram circundados de refulgente luz, actos da mais generosa caridade.

Minorar a miseria e seccar as lagrimas da dôr foi sempre timbre de Vimaraneses.

As gafarias de Guimarães são de tão antiga data, que não podemos precisar sua fundação. Em 1182 já alguns d'estes azylos eram entre nós bem conhecidos, possuindo bens proprios; v. g. um meio casal na freguezia de S. Paio de Vizella, que nas inquirições se diz ser *leprosorum Vimarani*.

Os albergues nocturnos, tão justamente encomiados, não datam apenas de 1855, anno em que o benemerito juiz de direito Casado instituiu um no convento de S. Domingos, mas datam pelo menos de 1315 com a fundação do albergue do Anjo.

O hospital da Misericórdia em 1587, o de S. Damazo em 1679, o de S. Francisco em 1814, o de S. Domingos em 1810; o azylo da Misericórdia em 1813, o de S. Francisco em 1858, o d'Infancia desvalida em 1863, o de Mendicidade em 1877, continuaram a tradição legada.

Hoje, porque a caridade tudo soffre e tudo esquece, Guimarães passa as fronteiras, e a Hespanha desolada offerece com o jornal GUIMARÃES-ANDALUZIA seu obulo.

Bem haja, nobre ancião! a caridade é como o sol; luz para todo o mundo.

Guimarães—Mascotellos. 31—1—85.

PADRE JOÃO GOMES D'OLIVEIRA GUIMARÃES.

CARIDADE E FRATERNIDADE

POR entre as grandes convulsões da natureza, atravez dos tetricos cataclysmos, destacam-se e avultam duas entidades, que se apertam as mãos desde uma a outra extremidade do globo, e se abraçam em estreito e fraternal amplexo: são—caridade e fraternidade.

Ellas unem e fraternizam os povos; ellas são cosmopolitas, não conhecem patria

nem familia, porque teem por patria o mundo, por familia a humanidade!

Guimarães 9 | 2 | 85.

J. L. GOMES GUIMARÃES.

ACROSTICO

Vlem a terra aluia,
Na visinha Andaluzia;
Uos olhos pranto corria
V sulcar faces hespanas;
Tar,—casas nobres, cabanas,
Umas e outras urbanas,
Zimborios, templos, no abysmo
Vnspirado cataclismo
Vruínas veduzia.

Guimarães, 9 | 2 | 85.

J. L. GOMES GUIMARÃES.

VINCULUM PERFECTIONIS

«SE fallardes a linguagem dos homens Se dos anjos, e não tiverdes caridade, sereis como o bronze que sóa «ou o cymbalo que tine.» disse o Apostolo.

Modernamente, a sciencia que pretende riscar a Deus da face do mundo, inventou uma palavra para exprimir o sentimento de reciproco affecto e condolencia entre os homens; é o altruismo.

Mas o altruismo é um sentimento humano; não tem o caracter da sublime virtude, de que o Apostolo diz ainda:

«Se eu distribuir pelos pobres todos «os meus haveres; se por elles me sacrifici- «car até lhes entregar o meu corpo para «que o queimem, e não tiver caridade, na- «da me aproveita isso.»

O altruismo é o bronze soando em vibrações que se perdem no espaço: a caridade é a vibração intima da alma, que fica e permanece.

Porisso disse, n'outra parte, o mesmo Apostolo:

«Sobre tudo, tende caridade, que é o vinculo da perfeição.»

Guimarães 3 de fevereiro de 1885.

J. P. DE QUEIROZ.

QUE sensação sublime será aquella que sentimos, quando caridosamente nos apressamos a estender a mão soccorrendo os desgraçados?

E', certamente, a voz de Deus que segreda louvores a nossos corações por havermos cumprido sua lei.

J. A.

TEM o nosso povo por dia aziago a terça-feira, e considera tambem como de mau agouro o anno bissexto. O anno que finlou devia portanto ser duplamente nefasto, por ser bissexto, e por começar á terça-feira. Com effeito as occorrencias durante o mesmo anno encarregaram se de dar rasão d'esta vez áquella sentença popular.

Horribais convulsões abalaram o nosso globo, já na Italia, já no Japão, e ultimamente na Hespanha, levando a desolação e a morte a paizes florescentes e cheios de vida.

Foi porem n'este ultimo paiz que mais estragos tem feito o horrivel e tremendo cataclysmo, parecendo que voltamos aos tempos pre-historicos, quando os gazes subter-

rneos, represados no interior do globo, tiveram aquella grande força d'expansão que fez levantar da planicie até ás maiores alturas os Alpes, os Pyreneus, os Andes, o Himalaya, e as demais montanhas do nosso globo.

Povoações inteiras totalmente arrasadas e destruidas, profundos abysmos abertos na terra e engolindo tudo quanto sobre elles pousava, montanhas desabando, e cobrindo de destroços, e enchendo de ruinas, campinas d'antes ferteis e viçosas, e uma d'ellas (a Serra Nevada) elevando-se e encobrindo assim por espaço de meia hora os resplendores do sol aos habitantes da florescente e agora desolada cidade de Granada!

São muitas as povoações destruidas e de todo arrasadas pelo espantoso cataclysmo, e seus miseros habitantes andam errantes sem abrigo pelos campos, sem o necessario alimento, angustiados e afflictos, e sem saberem quando findará tão terrível flagello, pois que os abalos subterraneos são ainda persistentes, com maior ou menor intensidade, mas tambem sem se lhes vêr o termo.

E' pois n'esta occasião que se devem patentear os sentimentos generosos de que somos dotados, é agora que cumpre mostrar que somos christãos, exercendo a maior das virtudes, a caridade, porque, segundo a sentença do Apostolo, o mesmo Deus é a caridade: *Deus est charitas*: n'outro logar: A fé sem as obras é morta; e ainda mais: Se tiverdes fé, e todas as demais virtudes, mas não tiverdes caridade, de nada vos servirão. Acudamos a nossos irmãos attríbuidos, fazendo aquillo que quereríamos que nos fizessem em iguaes circumstancias.

CONSELHEIRO J. C. B.

O SECULO actual não é só grande mostrando-nos a cada momento, do quanto é capaz a intelligencia humana, mas impellindo-nos sempre e sempre, mais e mais, ao amor do proximo.

J. FREITAS CARNEIRO.

HA nada mais sublime que a abnegação d'aquelles que, arriscando a propria vida, tentam salvar a de seus irmãos d'entre esse montão de ruinas, a que foi reduzida a formosa Andaluzia?

Ha nada mais santo que o empenho d'aquelles que vão levar o pão e enxugar o pranto a essa enorme familia d'orphãos, que se debate na lucta herculea da miseria e da saudade?

Não, por certo.

Mas, se não ha virtude que a esta se anteponha, nem sublimidade que áquella se avante, ha pelos menos dois sentimentos, que se lhe irmanam e se abrigam em todo o coração portuguez—a consternação e a caridade!

Guimarães, janeiro de 1885.

JOSÉ D'OLIVEIRA.

ANEDOCTA

A LIBERALIDADE de Cyrus era tão famosa, como eram dilatados os seus dominios e opulentos das preciosidades orientaes os seus thesouros.

A riqueza nas suas mãos, dizem transformava-se em chuva copiosa de beneficios: não havia desgraça ou infortunio,

que não acudisse, serviço a que não desse larga recompensa.

—A não ser para isto, de que me serviriam os thesouros?—costumava elle perguntar aos seus cortesãos.

Cresus, o ricasso proverbial e rei da Lydia, observou-lhe um dia que, n'aquella andar, em pouco ficaria pobre, podendo ser o mais rico do mundo e amontoar sommas prodigiosas.

—Sim? a quanto poderiam montar essas sommas? pergunta Cyrus. O outro calcula uma quantia immensa.

Cyrus dirige então aos seus súbditos e senhores da corte um singelo aviso fingindo falta de dinheiro, e logo se lhe enchem os cofres de tanto, que excede o calculo de Cresus.

«Príncipe, lho diz agora o rei da Persia, eis aqui os meus thesouros: o coração e o affecto de meus súbditos são os cofres em que guardo as minhas riquezas».

Cofre, na verdade, mais seguro que os outros, formado do auxilio generoso a quem a miseria esmaga na lucta contra as adversidades da vida.

Bem é, pois, que guardemos uma, ainda que pequenina, parte dos nossos haveres soccorrendo esses, que hontem eram ricos e felizes, e hoje...

Este—hoje—é tão cruel que o não quero lembrar.

JOSÉ SAMPAIO.

SE é possível, no meio dos effimeros prazeres de um baile, entre o delirante volutear da dança e o espumar do champagne, escutar-se o medonho bramir da tormenta ameaçando os mares e os continentes; sentir-se o oscillar e desfazer das montanhas, alagando na sua queda os campos e as povoações; fitar-se uma cidade, muitas cidades, onde falta abrigo a milhares de pessoas; comprehender-se, imaginar-se a suprema miseria de quem vê, n'um montão de ruínas, perdidos para sempre seus haveres, e o lar, e a familia, e tudo quanto na terra nos torna felizes: se é possível tudo isto, vimaranenses que folgaes, parae um pouco em meio do doudelar da festa, e, do que haveis de malbaratar, dae com que vestir, com que levantar um tecto, com que matar a fome aos nossos irmãos da Andaluzia.

Fevereiro 85

J. DE FREITAS.

DUAS commoções profundas!
Uma no solo da Andaluzia; a outra no coração de Portugal. A primeira produzindo uma tremenda calamidade; a segunda remediando-a.

Uma desmorona, abala, destroe, soterra e mata; a outra reedifica, restaura, allivia, conforta e salva.

Doas correntes formidaveis!..

Uma, corrente de mal, parte do coração da terra; a outra, corrente de bem, parte do coração do homem.

A primeira vem quebrar á superficie, desfazendo-se n'um cataclysmo horreroso.

A segunda, jorrando largamente das arterias do nosso sentimento nacional, espraia-se em consolações, alegrias e felicidades.

Doas convulsões!

Ambas profundamente eguaes, ambas profundamente differentes.

J. DE MEIRA

Ay si de vos me conduelo
Hijos de la Andaluzia!
Tambien yo siento el duelo
Que siente la patria mia!

Pero, si con ella lloro
Vuestra desdicha tamaña,
Y a Dios ruego que en la Hespaña
Cesqu las que le deploro,

Ya que venieron, le digo
Lo que nosotros pensamos,
Quando tan presto abrazamos
Al pueblo hermano y amigo:

Que en su suerte mala o buena,
Hoy como en el porvenir,
Solamente una cadena
Nos habrá de bien enir;

Es la que á la caridad,
Con affecto verdadero,
Mas que el iman al acero,
La atrae com tenacidad;

La que, anillo por anillo,
Cuenta las muchas dolores,
Que ha sanado con su brillo,
No con falsos esplendores;

Cadena que sus fuziles
Vuelve en estrechos abrazos,
No la que prende com lazos,
Que los hombres tuernan viles.

Essa no! Pero en que dia
Hablarmos assi?! Por Dios!
Que la pobre Andaluzia
Hoy no diga mal de nós.

JOSÉ DE FREITAS COSTA.

NO SECULO XIX

O PROGRESSO tem a sua razão de ser na aspiração insaciavel do melhor; e a solidariedade de todos os povos civilizados nas desgraças uns dos outros, é uma das manifestações mais sympathicas d'essa grande força da humanidade, que tem por condição d'existencia a sua propria fraqueza.

Este sentimento, esta forma da consciencia é um facto rigorosamente moderno; e só elle seria bastante para caracterisar profundamente o nosso tempo, elle que, partindo da caridade individual, veio de transformação em transformação até esta concepção maravilhosa, cuja realisação já se entrevê, e nos permite calcular o que poderá ser o mundo, quando a educação pozer no espirito de todos o que ainda hoje só pode ser o distinctivo de uma minoria.

Amparar as forças sociaes que n'um dado ponto do globo esmorecem ou vão a aniquilar-se, esmagadas por um cataclysmo, revela da parte d'aquelles, que se apressam no auxilio, uma grande somma de previdencia, mais ou menos sentimental, mais ou menos consciente, mas em todo o caso esplendorosa.

O nosso seculo tem essa grande superioridade moral sobre os que passaram, assim como os que hão-de vir verão crescer gradualmente a sua. Perante a solidariedade humana, amplamente praticada, as grandes barriaras que separam os povos ir-

se-hão nivelando, os odios de raça extinguido-se, a herança da historia purificar-se-ha.

Mas que digo? No caso presente estas considerações veem talvez fóra de proposito. As montanhas que accidentam o nosso solo são as montanhas de Hespanha, os rios que regam os nossos vales regam os vales hespanhoes; quando o dia nasce para elles, quando se esconde para nós, nasce e esconde-se para uns e outros A mesma raça faz a mesma historia; soffremos as mesmas invasões, alcançamos as mesmas glorias, Hespanha e Portugal sonharam os mesmos sonhos, ambos temos chorado as mesmas lagrimas.

Accudir á Hespanha nas suas calamidades é pois, da parte de Portugal, acudir ás desgraças de sua irmã mais velha. Somos dois irmãos com casa á parte, é o que somos afinal.

L. DE CASTRO.

...L'aumône est socour de la prière

VICTOR HUGO.

A CARIDADE—lucida, como a intelligencia que é luz, potente, como a vontade que é força, fervorosa, como o coração que é fogo, omnipotente, como Jesus que a inspira—vê, conhece, sente e acolhe sob a immensidade de suas azas todas as desgraças da terra.

Hontem o templo era uma prece fervorosa; hoje a caridade faz do theatro um templo: são gemeas a oração e a esmola.

M. L. MARTINS.

QUANDO a ambição desenrola o quadro das grandezas e prosperidades, que resultam da união iberica, apenas encontra nos portuguezes a indifferença, a frieza e a repulsão.

Quando aos nossos ouvidos chegam os lamentos da Hespanha que soffre, um unico sentimento se desperta de fraternal paixão pelas desgraças de um nobre povo.

No primeiro caso a historia e o patriotismo bradam-nos: a Hespanha é inimiga! no segundo a caridade arranca os marcos divisorios dos dous povos, esconde as paginas da historia, onde se acham archivadas as guerras, as ambições, os odios e tyrannias dos Hespanhoes, e clama-nos—os que soffrem são vossos irmãos!

Perante as desgraças da Andaluzia não ha portuguezes e hespanhoes.

O que a ambição não consegue, opera-o a caridade.

MOTTA PREGO.

ROMPIMENTO de todas as fronteiras para compartilhar das amarguras e transees por que passaram e passam ainda os infelizes povos d'Andaluzia demonstrou-me que o homem compenetrou-se bem de que as grandes desgraças não magoam um povo só, mas sim a humanidade inteira.

PADRE GARCIA GUIMARÃES

ASSIM como as montanhas e serras, abraço aos valles e os fertilizam com as suas aguas para que tudo veceje e floresça, os ricos e poderosos devem, com mão benéfica, proteger e dar agasalho aos infelizes para que elles se não definhem.

RUFINO FERREIRA.

A PROPAGANDA de caridade em Portugal a favor das victimas dos terremotos da Andaluzia, devo confessal-o, faz-me lembrar um fidalgo arruinado, que se deixou morrer de fome para soccorrer alheias desgraças.

Heroico e nobilissimo procedimento !

SILVA GALDAS.

—
Meu querido amigo,

LEMBROU-SE V. — alma generosa e sempre disposta para obem — de associar o meu nome a uma obra essencialmente boa e meritoria a todos os respeito, pedindo-me que escrevesse umas linhas, como a mim me parecesse, a proposito dos desastres da Andaluzia, as quaes deveriam ser publicadas n'uma projectada folha, numero unico, se me não engano, e feito expressamente para o caso, isto é, para avivar o sentimento da compaixão e da beneficencia publica a favor dos nossos irmãos andaluzes.

Eu achei bella a idea e disse commigo mesmo :

Uma boa palavra proferida ou escripta opportunamente, é medicina que cura muita dôr e que vale por muito no bemfazer.

Discorrendo d'esta arte, e sem tempo para mais, prometti e disse-lhe que sim.

Faltava-me porem o d descobrir aquella boa palavra. Procurei, meditei, desvelei-me, fiz sinceros esforços e não pude !

Oh ! não, meu amigo ! Diante do immenso infortunio d'aquelles que sobreviveram á desolação da Patria para verem sepultados sob seus proprios tectos desfeitos em ruinas, os caros filhos e a esposa amada e o paé e o bemfeitor e o amigo !...

Diante d'aquella incomportavel desventura dos que viram despedaçadas as mais doces relações da vida domestica e social... picificas alegrias da amizade, paixões inquietas, thesouros de inestimaveis affectos, recatados gosos da familia... e os haveres, e o futuro, e as aspirações, e os sonhos, e as seductoras perspectivas da felicidade, e tudo isto que nos alimenta a vida do coração, tudo !... tudo abysmado n'aquellas ruinas !... tudo perdido e extinto no tetrico silencio d'aquelles improvisados tumulos !...

Diante d'aquella orphandade nua; d'aquella vividez espavorida; d'aquella mãe que chora sem filho, sem lar e sem esposo; d'aquella velhice que desfalece sem pão e sem abrigo... — Diante d'aquelle viver ! d'aquelle morrer ! d'aquelle angustiar ! d'aquellas scenas dilacerantes de uma inconcebivel tragedia — acervo inextricavel de ineffaveis dôres !... Oh !... Diante d'aquelle cataclismo de desgraças, não ha mais nada que dizer !... não ha mais nada que fazer, senão olhar... estender os braços da caridade e cahir de joelhos.

Aqui tem o meu presado amigo, nas ultimas palavras d'esta carta, o que o meu sentimento pôde apurar do assumpto que occupa a generosa actividade da Commissão, da qual V. é membro dignissimo, o que tem, a esta hora, impressionado toda a humanidade viva.

Se esse apuro e tudo o mais que o precede pode prestar para alguma cousa (e ainda bem, que a expressão da boa vontade tem sempre o seu cabimento) deixe-mos ir até á publicidade da *folha unica*.

Mas então é preciso que ambos nos

resignemos a deixal-o ir sem omissão e sem restricção de qualidade alguma.

Guimarães, 4 de fevereiro de 1885.

PADRE SEBASTIÃO DA C. VIEIRA LEITE.

HONTEM, eras tu, ó bella Andaluzia, uma das mais formosas provincias do teu paiz; as tuas cidades ostentavam a sua grandeza, impressa nos seus tradicionais monumentos, nas suas assombrosas cathedraes, e nos seus sumptuosos edificios; hoje, estás envolta no manto da mais cruciante dôr; teus filhos gemem debaixo da mais assombrosa catastrophi que as gerações modernas tem visto, feridos no intimo do coração, no que ha para nós de mais santo — a familia —, reduzidos á miseria extrema, sujeitos aos vaivens da fortuna, até que a caridade — a candida filha do ceo — que não conhece raças nem nacionalidades, lhes estenda a sua mão benéfica, para minorar a dôr dos que soffrem os effeitos de tão horrivel cataclysmo.

S. NEVES.

—
HIC FUIT...

O anjo da desgraça atravessou a formosa Hespanha, deixando na sua passagem um montão de ruinas.

Nos campos da Andaluzia, onde hontem ainda se erguiam palacios magestosos, hoje o sol nascente não alumia mais que um acervo de destroços, d'onde sahem gemidos que aterram.

Ao impulso potente d'uma forza indomita oscilla o solo abrindo-se em fendas profundissimas, desmoronam-se as casas, ruem com pavoroso estronho os edificios; e Malaga, Granada e a formosa Alhambra fitam com olhos do'oridos os restos pulverisados de tão bellos monumentos da architectura mosarabica !

Nos logares, onde ha pouco se alevantavam cidades, não ha mais que ruinas, por entre as quaes se arrastam creaturas, semimortas de fome, em busca dos entes amados que o cataclysmo roubou ao seu affecto: os risos e descantes da poetica Andaluzia trocaram-se em lagrimas e gemidos, o seu passado de grandesa nos horrores d'uma indigencia absoluta !

Ai, pobre Hespanha !!

*
*
*

O dia d'hontem, cheio de luz e esperanças, será sumido para sempre no dia d'hoje, ermo, triste, sombrio, distanciado da vespera pelo abysmo immenso que separa a vida da morte ?

Nunca mais surgirão do pó esses soberbos monumentos de tão gloriosas tradições da nação hispanica ?

Não haverá mão amiga e caridosa que vá enxugar as lagrimas, soccorrer a intelligencia, consolar na sua dôr esses grandes infelizes, a quem a desgraça deixou sem abrigo nem pão ?

Portugal deixará ficar-se, nas ancias d'uma agonia enorme, essa nação que é sua irmã ?

— Não.

Os gemidos de Hespanha, trazidos nas aurás de leste, encontram echo em todo Portugal; e no coração de seus filhos, ricos

e pobres, inflama-se esse sentimento sublime — a caridade — que fará o prodigio, com o seu obulo e consolos de affectuosa sympathia, de estancar as lagrimas, dissipar as dôres e tristesa de seus irmãos feridos pela adversidade.

Deus fará o resto : Malaga, e Granada verã resurgir das ruinas as suas cidades destruidas.

V. R.

—
Se pareceres desejas o que és, falla;
Se pareceres não queres o que és, calla.
P. D'ANDRADE CAMINHA.

JA já muitos annos que Guimarães era o que é hoje, isto é, uma cidade intelligente e activa, laboriosa e productora; mas a sua intelligencia, mas a sua actividade achava-se concentrada e restricta a um limitado espaço, respirando sempre o mesmo ar, e, portanto, apressando a asphyxia. Os seus productos corriam mundo modestos e quasi anonymos.

Guimarães era o mesmo que hoje, com a differença unica, mas importante, que vivia sepultado na sua actividade, esquivado e quasi ignorado de todos.

A falta de instrucção publica era, a meu ver, a causa principal, seião unica, d'esse viver acanhado, d'esse labutar improficuo.

Em passadas epocas, nos conventos, ministrava-se barata e profusa a instrucção.

Mais tarde os conventos decahiram e extinguiram-se.

O ensino publico official reduziu-se, por largos annos, a instrucção primaria — muito deficiente.

Até que, em 1882 a criação da Sociedade Martins Sarmiento veio dar um novo character, um energico impulso á instrucção publica, desenvolvendo todos os elementos de vida intellectua e industrial.

A exposição industrial de Guimarães em 1884 foi o mais brilhante resultado dos bons esforços da prestantissima sociedade.

Portugal viu com admiração levantar-se a um nivel bastante elevado uma das suas povoações mais humildes e, sobretudo, mais desprezadas dos governos.

Com a sua Exposição, Guimarães disse bem alto qual era a sua importancia industrial, demonstrando quanto poderia ser util a sua vitalidade bem aproveitada.

Guimarães, saindo, por esforços da Sociedade Martins Sarmiento, d'aquella apathia mortal em que vivia, ganhou nome e conseguiu, para a instrucção publica, a criação d'uma escola industrial.

Hoje, sentiado-se bastante forte para a lucta civilisadora, bastante audaz para seguir a passo as modernas gerações, — Guimarães não podia ficar insensivel perante o sympathico e generoso movimento da maioria portugueza para soccorrer as victimas dos terremotos d'Andaluzia.

Guimarães offerecendo á Hespanha, n'esta campanha de caridade, o seu humilimo obulo confirma, por certo, os foros adquiridos de ser uma terra em que não minguem elementos de vitalidade phisica e moral.

Z.

